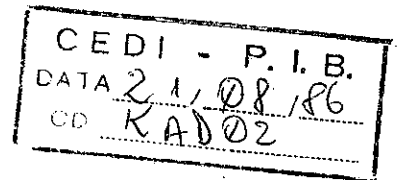


RELATÓRIO DE VIAJEM E PERMANENCIA COM FINALIDADE DE PESQUISA CIENTÍFICA AS ALDEIAS KARAJÁ DE SANTA ISABEL DO MORRO, FONTOURA E MACAÚBA, NO PARQUE INDÍGENA DO ARAGUAIA, ILHA DO BANANAL, GOIÁS.

- MARÇO DE 1978 -

I - INTRODUÇÃO



De posse da Autorização Nº 013/78 - PRES, cheguei a Santa Isabel do Morro no dia 7 de março, em companhia do aluno do Curso de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, André Amaral de Toral, que se dirigia para a aldeia Javaé de Canoanã. A viagem até a área fôra meio atribulada, pois devido às chuvas e à cheia do rio Araguaia, o acesso para a Ilha do Bananal só era fácil por via aérea. Como levava bagagem, e bem assim André, nossa locomoção foi por terra até Porto Luis Alves, em São Miguel do Araguaia, e dali até Santa Isabel, pelo rio.

Pelo fim da tarde do dia 7, apresentei a autorização de presidência aos srs. Francisco de Araujo Magalhães, chefe do Setor Administrativo do Parque, e Francisco de Assis da Silva, que respondia pela chefia do P.I. Santa Isabel. Com muita gentileza, foi-nos arranjado alojamento numa casa onde se acomodavam funcionários solteiros do Parque, e as refeições na residência do sr. Francisco de Assis da Silva, contra pagamento de pensão. O arranjo se revelou plenamente satisfatório até o fim da estadia, pelo menos para mim.

Em 1973, ficara alojado no Alvoradinha, longe da aldeia e dos acontecimentos. Agora, estava no centro de Santa Isabel, no meio da SAB, Administração do Parque, Hospital do Índio e Aldeia. Alguns dos funcionários, como o radio-telegrafista, lembravam-se de um do 1973; com isto logo se criou um clima de camaradagem, sem as reservas e hesitações iniciais que costumam caracterizar a chegada de um estrangeiro. Rápidamente fui posto ao par das principais alterações e acontecimentos havidos desde a outra viagem até ali. Senti-me em casa.

Arrumadas as coisas e as bagagens, dirigi-me ao cair da noite às casas dos "capitães" Maloaré e Arutana. São casas de alvenaria, em número de três com a do velho "capitão" Uataú, e que eu deixara em fase de construção em 1973. Seu alinhamento forma 90° com o rio e as casas da aldeia, ficando, em termos relativos de espaço geográfico e social, fora da mesma. Voltarei ao assunto mais adiante.

Tive a grata surpresa de ser imediatamente reconhecido, e recebido como amigo que retorna. Maloaré, digna e solenemente senta do numa cadeira de braços, ensaiou reclamações e queixas contra "injustiças" que "seu povo" estaria sofrendo, num caramanchão coberto de palha e aberto nas laterais, que funciona como cozinha e área de estar ao lado da casa, efetivamente usada como moradia. Arutana construiu ao lado da sua casa de alvenaria uma outra, de palha, no estilo índio atual, e que é a utilizada; a de alvenaria serve para ocasiões sociais e como depósito, sendo aberta para me receber com pompa e cerimônia. Com cerimônia, também, foi servido o mesmo velho cafézinho já meu conhecido, frio e aguado, tirado de uma garrafa térmica. Ao contrário de Maloaré, para Arutana tudo estava correndo às mil maravilhas no melhor dos mundos possíveis, com êle, a família, a aldeia e a Funai. Continuava o mesmo, neste aspecto. As duas visitas foram rápidas e dentro daquilo que se convencionou chamar "boa educação".

No seu aspecto geral, a aldeia pouco mudou, tendo surgido algumas casas a mais no lado sul, rumo ao Hospital e à vila, além das casas de alvenaria dos "capitães" já mencionadas. No meio da aldeia, algumas casas vazias, entre elas a antiga de Arutana, de tijolos, e algumas queimadas. Foi-me explicado que num incêndio "acidental", não muito tempo antes.

Para mim, as mudanças maiores se referiam à sede do Parque propriamente dita. Em 1973, o centro nervoso era o Alvoradinha e a construção ao lado, ficando na vila a serraria, a garagem-oficina-almoxarifado, e o Hospital. Agora, tudo estava concentrado na vila: administração, com sala de radio-telegrafia; a escola; o Hospital; a oficina-almoxarifado. O chefe de posto com uma casa decente para morar, o Hospital - antes em obras - acabado, a serraria eliminada, bem como a olaria antes existente. E, para mim novidade, um magnífico relacionamento entre o pessoal da Funai e o da FAB, com visitas sociais e amistosas partidas de futebol-de-salão na quadra iluminada da FAB em algumas noites.

Dois dias depois, André conseguiu vaga num taxi-aéreo que ia para Canoanã, e para lá seguiu.

II - A PESQUISA

II.1. - Abordagem Empregada.

Em minha justificativa ao pedido de autorização encaminhado a este órgão, eu fizera menção ao fato de procurar complementar e ampliar informações da Festa da Casa Grande (Hetô Hokã) ocorrida em 1973 e por mim documentada fotograficamente. Assim, fôra bem munido de cópias das fotos que me interessavam, bem como de muitas destituídas de maior interêsse etnográfico específico, do gênero retratos e poses familiares.

No segundo dia pela manhã tomei de algumas delas (daqueles indivíduos cujo nome eu lembrava), e dirigi-me à aldeia. No caminho encontrei Kudjoeni, antes chefe do destacamento local da GRIN, acompanhado de um bando de jovens solteiros "ueriribó", a última das categorias masculinas de idade dos karajá antes do casamento. Junto com êles distribui as fotos, aproveitando para tomar contato com os moradores da aldeia e ser por êles visto. Deixei avisado que dispunha de outras fotos.

Durante aquela tarde, e nos dois dias seguintes, houve uma verdadeira romaria de karajá no alojamento. Vieram primeiro os homens, e por fim as crianças e as mulheres, em busca de fotografias suas ou de parentes. Estava reatado o contato, e eu aceito por todos.

Não tive problemas para tirar fotografias nesta viagem. Na anterior, muitos, quando me viam com a máquina, queriam cobrar pelos retratos, e ante a minha recusa, mais de uma vez se negaram a ser fotografados. Agora, pediam-me que eu os retratasse, e eu é que às vêzes tinha que inventar uma desculpa qualquer para não fazê-lo, dada a limitação dos filmes.

Aos poucos foram se destacando alguns informantes espontâneos, notadamente o ex-GRIN Tébukua, o velho Arutana, Uaderri, que no "hetô-hokã" anterior fôra "idiéssu-du" (campeão de lutas), e que agora era casado (aliás, neste "hetô-hokã" foi novamente "idiéssu-du"), e Kudjoeni. Êste, quase sempre bêbado, mas amistoso e prestativo em explicar lances ou preparativos dos eventos, ou ainda avisando com antecedência quando alguma coisa marcante ia acontecer.

De um modo geral, procurei não forçar as informações. Quando me procuravam e demonstravam boa vontade, ou a conversa caía em assuntos de ritual, do "hetô-hokã" ou da tradição, eu o alongava ou apresentava as fotos sôbre as quais buscava mais informações. Bem assim, durante os acontecimentos eu me furtava a fazer perguntas, quer aos protagonistas, quer aos espectadores, limitando-me a olhar e a fotografar. Quase sempre alguém, por iniciativa própria, me di-

zia então o que estava se passando, ou ia se passar. Depois, aqueles informantes mais frequentes sempre retomavam o acontecido e eu preenchia as lacunas, sem ter atrapalhado os eventos, ou tendo-o feito o mínimo possível.

II. 2. - A Festa da Casa Grande.

Logo ao chegar, fiquei sabendo que estava para se realizar um Hetô-Hokã (Festa da Casa Grande), juntamente com a passagem de dois rapazes para a categoria "diré", e a furação do beijo de três meninos. Pouco antes, houvera o Hetô-Hokã da aldeia de Fontoura.

Era um bocado de sorte. Em 1973, eu assistira quase que do início aos preparativos e desenrolar deste ritual, o maior e mais importante da estação chuvosa da cultura karajá, na aldeia de Santa Isabel. O processo durara três meses, para culminar numa noite de festa, seguida no outro dia pela iniciação, que levou uma semana. Agora, as coisas estavam bem adiantadas.

O grande poste ("toó hokã"), parte central das cerimônias, já estava erguido no meio da Praça dos Homens. Quase todos os outros preparativos, como a confecção das esteiras e dos banquinhos rituais, também estavam prontos. De importante, faltavam ser erguidas as duas casas na Praça ("hetô-hokã", a grande, que dá nome à festa, e "hetô - rioré", a pequena), conseguir comida e receber o pessoal de Fontoura, pois o "Hetô-Hokã" é um ritual inter-aldeias.

A comida foi arrumada como da outra vez: a Funai forneceu a carne para o churrasco, eu ajudei, a pedido de Arutana, com açúcar e Q Suco, todos colaboraram com peixes (fartos no rio na ocasião), bananas e mandioca.

No dia 13, uma segunda feira, tudo já estava pronto: as casas construídas, luz levada até a Praça, comida acumulada. No final da tarde chegaram os participantes de Fontoura, todos homens, em canoas. Em 1973, a chegada fôra pela lancha Karajá, que tinha ido buscá-los. Desta vez, por se achar a lancha quebrada havia já bastante tempo, vieram de canoa mesmo, como no "tempo antigo". Após a cerimônia "rahamená" no porto, começou a "Festa da Casa Grande".

Não é meu propósito entrar em detalhes da Festa no presente relatório. Minha dissertação de mestrado será justamente sobre ela e a iniciação que ocorre em seu contexto, e tão logo ela esteja pronta, enviarei uma cópia a este órgão.

Ao longo da noite de 13 para 14, transcorreram os vários eventos da "Festa". As lutas entre os representantes das duas aldeias, na Praça, a disputa de tração pelo poste, o churrasco. Pela primeira vez na memória dos participantes, o grande poste "toó" foi derrubado por Fontoura e arrastado para o rio, o que ocorreu já alta madrugada. O acontecimento significou enorme vergonha para a aldeia de Santa Isabel, e deve ser atribuído à grande quantidade de cachaça que seus homens tomaram antes e durante a disputa. Os homens de Fontoura também beberam, mas em menor quantidade.

Na véspera havia chovido bastante, e o terreno se achava enlameado e mole, o que empanou e atrapalhou bastante o brilho das coisas.

II. 3. - A Furação de Beiço e a Iniciação.

Ao nascer do sol do dia 14, houve a furação do beiço inferior de três meninos de 5 a 7 anos de idade, assistida por t^oda a aldeia e pelos homens de Fontoura, e a apresentação de dois rapazes que iam ser iniciados à Casa dos Homens. Por volta das 9,00 hs. o pessoal de Fontoura arrumou suas coisas, e tomando das canoas voltou para sua aldeia.

A iniciação dos dois rapazes na Casa Grande durou uma semana, acompanhada por mim na medida do possível, buscando não atrapalhar. Finda esta semana, os dois retornaram à vida normal da aldeia, já agora como "diré".

A iniciação, como a Festa da Casa Grande, é também tema de minha dissertação, razão porque não me alongarei nela.

III - VISITA ÀS ALDEIAS KARAJÁ DA BARRA DO RIO TAPIRAPÉ E MACAÚBA

No dia 26 de março, domingo de Páscoa, desci às 9,00 hs. da manhã o rio rumo às aldeias karajá da Barra do rio Tapirapé e de Macaúba. Em minha companhia iam os karajá Kuriciri, neto do "capitão" Arutana e que em 1973 era um dos iniciandos "diré", e Tébukua. Kuriciri, já casado, seguia para Macaúba, onde estava a mulher; sabendo de minha viagem, seu avô pediu que o levasse. Tébukua "ofereceu-se" para ir junto por estar à tóa, dizendo querer rever uns "parentes".

Não parei em Fontoura. Já havia nesta viagem estado na aldeia, na véspera da Festa da Casa Grande, quando Arutana me solicitara que fôsse buscar três jovens de Santa Isabel que tinham ido levar três grandes canoas para ajudar no transporte do pessoal no dia da Festa. Rio abaixo lhes fôra fácil a viagem, mas para voltar não tinham condução, já que as canoas iam ficar. Satisfiz o pedido, e tive oportunidade de rever a aldeia, meio alagada pela cheia do Araguaia.

Em 1973, ainda lá estava a missão dos Adventistas do 7º Dia, agora ausente. Fui recebido pelo chefe do posto sr. Salim Costa Oliveira. Como depois êle viajara para Brasília, e ainda para não atrasar a viagem, preferi seguir direto.

A chegada à Barra do rio Tapirapé foi por volta das 14,00 hs. O chefe do posto, sr. Leônidas Pereira do Vale, se encontrava em Santa Terezinha com a família, onde tinham ido assistir à missa do Galo, e assim para lá segui. Em Santa Terezinha, vários karajá da aldeia de Macaúba defronte, se preparavam para disputar uma partida de futebol com o time local. Kuriciri ficou com êles.

Ao cair da tarde, voltei para a Barra do rio Tapirapé com Tébukua e o sr. Leônidas, com quem nos hospedamos a convite deste.

Na segunda feira pela manhã, visitei a aldeia karajá. Estava semi-alagada, é pequena e meio suja. Devido à cheia, a passagem entre as casas é feita pelos fundos das mesmas, o que piora a impressão do visitante. Existem muitas mangueiras; um gavião e um urubú estavam presos sôbre uma das casas; num pequeno fogo em um dos quintais, cinco cachorros se esquentavam e afastavam os mosquitos expondo-se à fumaça. Os moradores não foram de muita conversa, muitos deles fazendo a primeira refeição do dia ao pé de fogos ao ar livre: laranjas meio verdes, farinha e mandioca cozida. A casa

do Aruanã, aberta dos quatro lados, fica ao fim de uma trilha curta, podendo seu interior ser visto da aldeia por qualquer um, inclusive mulheres e crianças, o que a rigor é proibido para os karajá. Algumas máscaras de dança estavam em diversos estágios de acabamento das coifas, decoradas de tecidos coloridos como as de Santa Isabel e Fontoura. Tébukua mostrou-se bastante contrariado com o fato de tudo ser feito assim às vistas, afirmando que teria uma "conversa" com Zé Ricardo, o karajá chefe da aldeia.

Encontravam-se em término de construção a enfermaria com residência e a nova casa-sede do P.I.; a escola já estava pronta. Alguns regionais trabalhavam como pedreiros, auxiliados por alguns índios. A impressão era de trabalho diligente.

A atual residência e sede do P.I. é uma construção velha mas ainda sólida, do tempo do antigo SPI. De um modo geral o equipamento é bom, contendo um gerador diesel novo, geladeira a querosene, comunicação via rádio (em conserto em Brasília), e um bote de alumínio com motor de pôpa de 25 HP, também novos. A farmácia se encontrava um pouco desfalcada de medicamentos, que estavam para chegar na sede do Parque em Santa Isabel o que de fato ocorreu ainda durante minha permanência na área, bem como o aparelho de rádio.

O pessoal da Funai é formado, além do chefe do posto, por sua esposa Maria do Socorro Silva do Vale, com a função de auxiliar de ensino, pelo monitor bilíngue karajá Sarikina (Luis Martinho dos Santos), e pela atendente de enfermagem, a karajá Hỹnkó (Iracema Rondon Moreira), então ausente de férias.

A aldeia, chamada pelos karajá de "Itialá Mahadu", é formada de 15 casas, com uma população de 98 pessoas assim distribuída: 21 homens adultos (acima de 13 anos) e 25 mulheres idem; 29 crianças do sexo masculino e 23 do feminino (abaixo de 13 anos). O relacionamento entre o chefe do posto e os índios pareceu-me excelente, o que já me fôra dado notar em Santa Isabel, quando o sr. Leônidas lá estivera por duas vezes, levando no barco a motor crianças atacadas por um surto de coqueluche (acompanhadas por suas mães), para serem tratadas no Hospital do Índio.

Ao lado da aldeia, na divisória das águas dos rios Tapiapé e Araguaia, há um grande morro, chamado pelos karajá "Terehériná Haualó". Do outro lado, em Goiás, fica um morro menor, Teribré Cibená". O local, com as águas no seu leito normal, deve ser de rara beleza. Na ocasião, apresentava-se lúgubre e sombrio, com o rio lambendo a soleira de algumas das casas da aldeia e quase chegando nas construções, além do tempo permanentemente chuvoso.

Na tarde do mesmo dia fui com Tébukua para Macaúba, com intenção de também comprar gasolina em Santa Terezinha, já que esta estava faltando em São Félix. Na saída, o "capitão" Zé Ricardo apresentou-se para ir junto, alegando precisão de "comprar açúcar". O sr. Leônidas avisou-me que o mesmo costumava beber.

Macaúba e Santa Terezinha distam da Barra do rio Tapirapé uma hora de viagem em bote rápido. Santa Terezinha fica do lado de Mato Grosso do Norte, e Macaúba, em frente, do lado de Goiás.

Chegamos a Macaúba ("Heriri Mahadu" em karajá) debaixo de uma chuvinha fina e fria. A aparência geral da aldeia, que já foi no passado uma missão, é de decrepitude, sujeira e ruína, mais que nas outras. As pessoas se mostraram ainda mais reservadas do que na Barra do Tapirapé. As casas não apresentam nenhum tipo de alinhamento, o mato cobre quase tudo, as construções de alvenaria da antiga missão estão em péssimo estado, as de palha são mal cobertas e mal fechadas.

Diferentemente das outras aldeias, nesta quase todos os homens usam bigodes, e poucos tem a tatuagem circular tribal nas maçãs do rosto. Na casa do Aruanã, ao fim da clássica trilha de danças, um grupo de homens e rapazes haviam forrado o chão com uma esteira velha e uma toalha, e jogavam pif-paf ao baralho. Não se deram nem ao trabalho de cumprimentar quando Tébukua e eu chegamos.

O chefe do P.I., Pedro Paulo, que eu conhecera em 1973 como estagiário em Santa Isabel, encontrava-se em Brasília, de férias. O "capitão" estava no mato atrás de palha de buriti, e o karajá que respondia no lugar de Pedro Paulo parecia ausente de tudo, nada sabendo - ou querendo - informar.

Depois de algum tempo, Tébukua apareceu assustado, dizendo que precisava ir embora logo, não querendo mais ficar na aldeia. Posteriormente, contou-me que o tinham avisado que o melhor era sumir depressa, porque algumas pessoas que êle prendera no passado, ao tempo em que era da GRIN, pensavam matá-lo se continuasse em Macaúba. Não cheguei a apurar a veracidade da estória.

Seguimos para Santa Terezinha. Enquanto eu conseguia a gasolina, Zé Ricardo e Tébukua disseram que "iam comprar uma carne e açúcar", devendo voltar logo. Duas horas depois, quase escurecendo, não haviam aparecido.

Seguindo instruções do homem que vendeu a gasolina - por sinal o delegado de polícia local - tomei um carro de aluguel, e fui encontrar os dois na "zona alegre" da cidadezinha, bastante bêbados. Com alguma persuasão consegui levá-los ao botê, e, já noite feita, chegamos de volta à Barra do Tapirapé.

O difícil, na chegada, foi dissuadir o "capitão" Zé Ricardo de organizar uma "dança", ainda naquela noite, em minha intenção. É que soubera por Tébukua do meu espanto ante o fato dos karajá de Macaúba e Barra do Tapirapé já não darem muita importância para as tradicionais danças de Aruanã, preferindo dançar o "forró" e o "carrimbó" à moda regional, com os pares enlaçados. Assim, na sua hospitalidade e complacência etílicas, queria mostrar-me como são as tais "danças", feitas no prédio da escola. Bastante divertido, consegui convencê-lo a deixar o "forró" para outra ocasião, ainda que no íntimo sentisse grande vontade de assisti-lo. O açúcar e a carne não foram comprados.

No dia seguinte, cedo, encontrei-o muito ocupado em inspecionar cêrca de 25 cabeças de gado, que durante a noite se agruparam em tórno da sede do P.I. Contou-me que o gado fôra presente do ministro (o ministro do Interior) - não da Funai, que segundo êle, não dá nada - aos índios da aldeia. Como não tinham meios de contratar vaqueiros e zelar devidamente das rêzes, achava que o melhor era vendê-las, o que afirmou estar tentando fazer na véspera em Santa Terezinha, no boteco em que fui buscá-lo. Não fiquei sabendo o fim da "transação comercial", se é que ela se deu posteriormente.

Na mesma terça feira retornei a Santa Isabel com Tébukua, que ganhara alguns presentes de cabaças para fazer maracá e madeira "pati" para arco. Bem assim, trazia presentes para o "capitão" Maloaré, em pagamento a serviços de curandeiro enviados por ex-pacientes reconhecidos.

IV - CONSIDERAÇÕES GERAIS

Várias coisas chamaram minha atenção na presente viagem aos karajá da Ilha do Bananal, algumas das quais passo a expor. Como fiquei a maior parte do tempo em Santa Isabel, é principalmente sobre esta aldeia que as observações se referem.

No aspecto alimentar, destacou-se a fartura de peixe. Em 1973, o peixe era raro, se não de todo ausente. Apenas duas ou três vezes eu o vi ser servido nas refeições comunais que seguem na Praça dos Homens às danças do Aruanã. Um único índio conseguia peixe com regularidade, ainda que pouco: Zé Pacú.

Desta vez, apesar do rio mais cheio do que antes, havia peixes por toda parte: nas casas, na Praça, nas surtidas rituais que os iniciandos precisam dar durante o período em que ficam na Casa Grande. Boa parte do pescado era vendido em São Félix, ao pessoal da Funai e da FAB, ou aos passageiros dos dois voos diários da VOTEC que fazem escala no campo de pouso de Santa Isabel. Ainda assim, sobrava peixe com fartura para o consumo, e a qualquer hora do dia que eu chegasse em uma das casas, havia peixe sendo assado em brasa lenta, o que, aliás, é delicioso. Piaus-de-cabeça-gorda, jaraquis, cachorras, caranhas, alguns tucunarés. Os peixes de couro, também abundantes, eram sistematicamente vendidos, pois os karajá não os apreciam como alimento.

Tôdas as semanas, aos sábados, a Funai abate uma rês, e a carne é distribuída gratuitamente à aldeia, cabendo cerca de um quilo a um quilo e meio para cada família. A distribuição é fiscalizada pelos próprios índios, e mais de uma vez assisti a pequenos atritos quando regionais funcionários do Parque, a pretexto de terem ajudado no "açougue", queriam levar mais carne do que o devido.

Durante as caçadas rituais dos iniciandos "diré", foram mortos, em dias diferentes, três veados mateiros, um cervo e uma anta, animais ilhados devido à cheia. Das peças abatidas, apenas a anta não foi consumida pelos índios, que nem a trouxeram do mato; o que foi feito pelos regionais, que ficaram com a carne. Ainda durante estas "caçadas", por duas vezes foram mortas vacas a tiro. A carne ficava em parte na Casa Grande, em parte nas casas da aldeia.

Também devido à cheia o gado da região, quer do DGPI, quer de particulares, concentra-se nas partes altas e em torno da aldeia e do campo de pouso. Termina estragando roças dos índios, o que provoca ressentimentos e pedidos de indenização. Dêstes, alguns são atendidos.

A morte das vacas a tiro devem ser entendidas como motivadas, em parte, por êste ressentimento. Mais de uma vez, ouvi índios afirmando que "um dia, ainda matamos todo êste gado"; e o "capitão" Maloaré, justificando irado um pedido de indenização para uma roça de mandioca de sua propriedade estragada pelos bois, afirmou: "dizem que o gado é dos índios, mas não é verdade. Se fôsse nosso, poderíamos vendê-lo, e só quem pode fazê-lo é o DGPI. Só porque o índio come carne de graça tôda semana, e pouca, não quer dizer que o gado seja dêle".

As plantações de subsistência não são muitas nem grandes, e boa parte delas foi atingida pelas águas. Os que possuíam roças um pouco mais fartas eram Kutaria, pai de um dos iniciandos "diré", Arutana e Maloaré. Êste último cercou com arame um pedaço de terra antes coberto de capoeira rala entre os fundos de sua casa e a Praça dos Homens, e o plantou com arroz. Na beira da estrada que leva ao Alvoradinha, a Funai plantou também com arroz uma área razoável, mas a colheita não prometia ser das melhores. Ao que explicaram, porque parte das sementes não era de muito boa qualidade, e ter sido plantada muito tarde; depois, porque o trato feito é que a Funai deveria arar o solo e plantá-lo, cabendo aos karajá a limpeza do mato que crescesse. E êstes não se interessaram, havendo assim tanto mato quanto arroz. Excluído o peixe, o alimento não é tão abundante em Santa Isabel quanto poderia sê-lo.

Numa das poucas vêzes em que ouvi o velho Arutana reconhecer que nem tudo ia bem no melhor dos mundos possíveis - após a derubada do mastro na Festa pelos homens de Fontoura - desabafou: "antigamente, os índios eram trabalhadores, tinham roça grande, plantavam muita mandioca, amendoim, milho, cana, abóbora, algodão, e não tomavam cachaça. Todo mundo aguentava carregar um "behiurá" (cesto feito e usado pelos homens para transportar cargas pesadas nas costas) cheio de lenha ou de mandioca por uma distância de quase meio dia de caminhada. Agora, só plantam um pouquinho de arroz, mandioca e banana, não querem carregar pêso, e preferem ficar na rua (São Félix) tomando cachaça e comprando caro as coisas que antes tinham de sobra".

O desabafo parece correto. A inclusão da aldeia numa economia monetária, ainda que de forma marginal, é um fato, e a dependência da cidade de São Félix do Araguáia como centro abastecedor, em detrimento da antiga auto-suficiência tribal, algo que pode ser facilmente constatado. A maior parte dos pedidos de transporte para São Félix são a pretexto de "compras"; quando o transporte a motor não é possível, usam-se as canoas, que todos possuem.

Compra-se açúcar, sal, farinha, bolachas, fumo em corda,

arroz, café, roupas. Além dos mantimentos e demais gêneros de primeira necessidade, que pouco diferem dos de qualquer outra população interiorana, compra-se também parte da parafernália de subprodutos característicos de uma sociedade industrial, como sandálias "havaianas", óculos escuros, bijuterias baratas, artigos de "toilette", pilhas para rádios e lanternas, além de outros mais relacionados ao meio, como ferramentas agrícolas, linha para pesca e para tecer redes idem, anzois, munição calibre 22. E cachaça, principalmente cachaça.

É necessário ter presente que, estando São Félix situada numa região formada por grandes latifúndios que produzem voltados para os grandes centros consumidores, a maior parte dos artigos encontrados na cidade provém de fora. Como as demais cidadezinhas da região, ela é ponto terminal de produtos cuja fabricação ou origem vem de bastante longe, chegando a preços acrescidos de transportes custosos e vários intermediários. De um modo geral tudo é caríssimo, sendo as únicas coisas relativamente baratas o peixe e a carne. Esta, vendida a Cr\$ 18,00 o quilo, quando na época o preço médio nas cidades do centro-sul era de Cr\$ 28,00 a Cr\$ 35,00; ainda assim estava em falta, pois desejosos de aumentar os preços, os açougueiros se recusavam a matar bois. O custo de vida da área é alto, e a quantidade de dinheiro necessária à sobrevivência, mesmo modesta, grande.

Muitos karajá compram a crédito em algumas casas de comércio, geralmente aqueles considerados mais sérios (o que quer dizer, mais sóbrios), e que se sabe contarem com uma fonte de dinheiro fixa.

O dinheiro ingressa na aldeia de Santa Isabel de várias maneiras. A mais regular, é a fôlha de pagamentos mensal da própria Funai. Em março do presente ano, ela era assim constituída, no que diz respeito a funcionários índios e seus respectivos salários e funções. (Os dados foram fornecidos pelo sr. Ubirajara de Oliveira Condeixa, Agente Setorial de Pessoal do Parque.)

Angelo Saldanha Campos (Karovino) - Motorista -	Cr\$ 3.190,00
Antônio Ferreira Karajá (Idioraru) - Monitor bilingue -	Cr\$ 2.790,35
Paulo Krumari Karajá - Monitor bilingue -	Cr\$ 2.660,00
Domingos Kuirá Karajá - Maquinista de lancha -	Cr\$ 2.173,45
Luis Júlio da Silva (Maxacali) - Trabalhador braçal -	Cr\$ 1.330,00
Firmino José de Brito (Xerente) - " " -	Cr\$ 1.373,45
Suará Karajá - Auxiliar de serviços gerais -	Cr\$ 1.903,45
Maloaré Karajá - ("capitão") - Ofic. trab. braçal -	Cr\$ 1.330,00
Arutana Karajá - " " " " -	Cr\$ 1.416,90
Uataú Karajá - " " " " -	Cr\$ 1.330,00
Andecivala de Idiarrina - Atendente de enfermagem -	Cr\$ 3.093,80
Kumahira Karajá - " " " " -	Cr\$ 3.006,90
Mahurinaui Karajá - " " " " -	Cr\$ 2.660,00
Cirilo Karajá - Em dispensa pelo INPS por doença -	Cr\$ 2.920,00

Os karajá Maluire, Silvelerore, Tébukua e Terrabi, todos ex-integrantes da GRIN, tem as funções nominais de "braçais", recebendo cada um Cr\$ 968,00. Além destes, ainda os karajá Ixati e Uéhandiú recebem salários pelo DGPI, mas não fiquei sabendo as importâncias.

Com exceção dos atendentes de enfermagem, e parece, dos monitores bilíngues, o emprêgo dos demais é antes uma sinecura do que uma verdadeira atividade. Os "capitães" nada fazem que o justifique; Karovino estava de férias e viajando; Tébukua tinha por única ocupação tirar água da lancha Karajá, que apodrece no porto por falta de uma peça do motor, há vários meses; Maluire ligava e desligava o motor diesel do gerador de luz, nada mais fazendo além disso; Uéhandiú, apenas bebia e arrumava encenca quando bêbado. Kuirá pilotava o bote com motor de pôpa do Parque, fazendo compras para o mesmo e transportando diariamente alguns rapazes da aldeia que estudam o ginásio em São Félix, na ida e na volta.

Além da fôlha de pagamento, outra forma mais ou menos constante de conseguir dinheiro é a venda de lenha ou peixe em São Félix e no Parque. Não fiquei sabendo o volume das transações, mas não deve ser grande. Todos os homens mais ou menos pescam, mas o comércio da pesca é antes um "bico" do que uma atividade permanente, à exceção de poucos, como o já citado João Pacú. Cirilo possui um bote com motor de pôpa, ao que parece presente do "ministro". Usa-o para fazer "taxi" fluvial para São Félix quando há fregueses (geralmente passageiros da VOTEC, mas sofre a concorrência dos barqueiros da própria São Félix) e vai diariamente buscar o pão consumido no Hospital também em São Félix, ainda que exista uma pequena padaria de um regional em Santa Isabel, por sinal que quase vizinha de Cirilo. Às vezes também tem cigarros, farinha e bolachas para vender em sua casa, que é fora da aldeia.

Cabe ainda anotar que antes da minha partida chegou a notícia do aumento geral dos salários em 38%, e pelo que me é dado saber, é nesta base que êle deve ser agora calculado. Todos os funcionários são regidos pela C.L.T. e descontam 8% de INPS. Vários tem salário família, já computado nas quantias acima citadas.

A outra fonte ponderável de dinheiro é a venda de artesanato, geralmente pelas mulheres, o que não quer dizer que alguns homens não participem quer da confecção, quer das vendas.

As compras do artesanato por gente do local devem ser consideradas modestas. Algumas vendas ocorrem em São Félix, onde duas ou três casas de comércio o apresentam entre as demais mercadorias expostas, e a pessoas em trânsito pela área ou pelo campo de pouso.

A própria Funai, através da Artíndia, é novamente a maior fornecedora de dinheiro.

No dia 24 de março, uma sexta feira, chegou pela VOTEC um funcionário da Artíndia com a finalidade de comprar artesanato nas aldeias do Parque. Terminou comprando só de Fontoura, e em maior quantidade de Santa Isabel. As compras se deram principalmente naqueles dias em que estive visitando as aldeias rio abaixo, mas na volta ainda assisti a uma parte das transações.

Poucos objetos estavam já preparados, sendo a maior parte confeccionada durante a estada do comprador e por sua causa, ou seja, num período de cinco dias. João, o comprador, arrematava tudo, trabalhos bons e ruins. Os preços se inflacionaram súbitamente: bonecas de barro que estavam sendo vendidas a Cr\$ 10,00, foram compradas a Cr\$ 30,00; "lá-hetôs" (cocares de penas que os jovens usam na cabeça durante os rituais em que entram plumárias), de Cr\$ 150,00 chegaram alguns a ser pagos a Cr\$ 500,00. O grosso das peças era formado principalmente por bonecas e potes de barro, bolsas de palha, alguns banquinhos rituais zoomorfos, chapéus. Três salas do prédio da administração ficaram lotadas de objetos, que completaram quase uma carga do avião Bandeirante da própria Funai que chegou para apanhá-la no dia 29.

Segundo informações do mesmo João, as compras chegaram perto de Cr\$ 65.000,00. Gilson disse que a média de dinheiro proveniente da venda de artesanato apenas à Artíndia que entra nas duas aldeias por trimestre, é de Cr\$ 70.000,00. Correta ou não a informação, é indicadora de uma ordem de grandeza. E o fato é que poucas semanas antes, a aldeia de Fontoura, através da comercialização direta de um de seus homens com a Artíndia em Brasília, vendera Cr\$ 40.000,00 (*)

Sem o aumento de 38%, a fôlha de pagamentos dos funcionários índios chega a Cr\$ 32.260,30; com os 38% vai para Cr\$ 44.519,10 mensais. Acrescente-se a isto o dinheiro do artesanato, mesmo que seus números sejam imprecisos, e ter-se-á uma idéia do montante regular de dinheiro que entra na área.

Nêste cálculo, porém, são necessárias algumas cautelas: as cifras acima referem-se à aldeia de Santa Isabel, não sendo prudente generalizá-las para as outras aldeias karajá.

(*) Veja-se, a propósito, o artigo de Berta G. Ribeiro: "O artesanato indígena como bem comerciável", onde aparecem várias referências aos karajá. In: Ensaio de Opinião, V.5 Francisco Oliveira e outros. Rio de Janeiro, Inúbia, 1977. Pp 68-77.

No que se refere à fôlha de pagamentos, por exemplo, a de Fontoura chegava (em março, sem os 38%) a Cr\$ 5.926,00; a de Macaúba a Cr\$ 8.484,15; não tenho dados da aldeia da Barra do rio Tapirapé, mas pelas atribuições de seus dois funcionários índios regulares, creio que fica em tôrno de Cr\$ 5.500,00. A aldeia javaé de Canoanã é um caso peculiar: tem dez elementos da ex-GRIN rotulados como "braçais", o que monta no total a Cr\$ 9.688,00 mensais. Seu "capitão", Eliseu, fôra nomeado recentemente chefe do P.I., mas até minha volta não fôra ainda liberado o salário; como um chefe de posto ganhava Cr\$ 10.000,00, creio que é aí que deverá ser situado.

Não disponho de informe nenhum quanto ao artesanato das aldeias de Macaúba, Barra do Tapirapé e da javaé de Canoanã. Tanto quanto sei, parece que os compradores da Artíndia não costumam visitá-las.

Seja como fôr, a colocação dos karajá como "consumidores" no comércio da região, ao menos para a aldeia de Santa Isabel, só é possível pela presença da Funai. Saindo esta de cena, o quadro desaba. O que transforma a inclusão destes índios numa economia monetária em um fato meio irreal, sustentado "de fora" por emprêgos que na verdade não o são e por compras paternalistas, ^{onde} o bom e o mau artesanato se misturam de cambulhada. Dadas as características econômicas da área - o grande latifúndio-empresa - se a aldeia fôsse entregue a si mesma, seria outra a situação.

Voltando ao desabafo do velho "capitão" Arutana, e ao alcoolismo. O problema do abuso do álcool é largamente conhecido nas aldeias karajá. "Aculturados" há longo tempo, adquiriram do "civilizado" o hábito das bebidas alcoólicas, uma vez que em parte alguma da bibliografia do grupo, ou em observações diretas, me foi dado notar que a fabricação e uso de bebidas alcoólicas, sejam destiladas ou fermentadas, fôsse uma característica da sua cultura.

Em 1973 a bebida já era uma constante na aldeia de Santa Isabel, sendo trazida de São Félix às escondidas onde era comprada em botecos dos cantos da cidade, uma vez que os da frente do rio tinham receio de vender bebidas a índios. Era consumida também meio às escondidas, sendo que o único que admitia claramente ter cachaça em casa era o velho Uataú. Geralmente os bebedores vinham embriagados de São Félix, sendo poucos os que assim ficavam na aldeia. De uma forma ou de outra, porém, ao longo dos três meses de minha permanência, foram várias as brigas e desordens motivadas pelo álcool.

Agora a situação se agravara. Aos "antigos bêbados", se juntaram outros, que antes tinham fama de não beber. A cachaça continua vindo de São Félix, só que não tão escondida, e já se toma com

mais frequência na própria aldeia. Nos dias que antecederam a Festa da Casa Grande, e durante ela, a cachaça foi abundante.

Em 1973, na noite da Festa, eu notara que às vezes os homens de Santa Isabel chamavam discretamente seus convidados de Fontoura para o mato, e lá eram tomados os "traquinhos". Desta vez, as garrafas vieram para a Praça onde se desenrolavam as cerimônias, sendo escondidas de maneira envergonhada apenas quando me viam. O álcool atrapalhou todos os momentos dos rituais, desde a chegada dos homens de Fontoura até o término das iniciações, quando é derrubada a Casa Grande, para desgosto de Arutana.

Não é meu propósito analisar neste relatório as razões de ordem sócio-psicológica que levam os karajá a beber. Veja-se, neste sentido, os trabalhos de Donald Horton e A. Irving Hallowell (*); ainda que referentes a outros contextos sócio-culturais, as situações por eles abordadas me parecem oferecer inúmeros pontos em comum com a karajá. O que quero anotar, é que o alcoolismo na região não é de maneira alguma um problema restrito aos índios. Em São Félix e nas margens do Araguaia bebem todos, os assim chamados "homens de prol" e os pobres diabos. Os primeiros, cerveja, uísque e quejandos; os segundos, cachaça.

Com a cheia do rio e o fechamento das estradas, o transporte para a região passou a ser feito por água, em grandes batelões a motor que trazem combustível, gêneros e mercadorias de Porto Luis Alves, no município goiano de São Miguel do Araguaia. Como êste foi também o meu itinerário na ida e na volta, pude constatar que boa parte da carga dêstes batelões, quando não a única para muitos deles, é bebida. O estoque da maior parte das casas de comércio de São Félix - e são quase tôdas botecos - é também assim formado. Não há hora do dia, ou dia da semana em que se chegue à cidade e não se encontre pessoas bebendo ou já embriagadas, agravando-se o problema nos finais de mês, quando é feito o pagamento nas grandes fazendas da região.

Assim, além das razões intrínsecas que possam levar uma sociedade tribal em fase de desestruturação interna e perda de valores culturais à bebida, parece-me necessário considerar juntamente o panorama sócio-regional em que ela está inserida, posto que êste

(*) Horton, Donald: "As Funções do Alcool em Sociedades Primitivas." In: Kluckhohn, Murray e Schneider - Personalidade na Natureza, na Sociedade e na Cultura. Belo Horizonte, Itatiaia, 1965. Vol 2, pp 410-422.
Hallowell, A. Irving: "Values, Acculturation and Mental Health." In: Culture and Experience. Univ. of Pennsylvania Press. 1955. Pp 358-366.

panorama a condiciona e modela. Por outro lado, se um dia os karajá deixarem de ser "índios" - e eles ainda o são, atesta-o de sobra a Festa da Casa Grande que presenciei - deixarão de sê-lo para se tornarem na melhor das hipóteses "regionais"; e o uso da bebida é um padrão de comportamento estabelecido nos regionais das barrancas do Araguaia.

Considerando, então, que o álcool da aldeia vem de São Félix, e considerando que os índios vão a São Félix principalmente (ainda que não exclusivamente) para comprar gêneros de primeira necessidade que não mais produzem, uma solução paliativa para o problema poderia ser a formação de uma cantina ou açucém em Santa Isabel, abastecida com aquilo que é mais constantemente consumido. Quais seriam estes artigos, uma rápida pesquisa conduzida na própria aldeia facilmente constataria. Se tal estabelecimento deva ser administrado por índios, "brancos", ou pela própria Funai, ou se deva ser cooperativo, com ou sem fins lucrativos, é assunto em que não me alongo. Deixo a idéia apenas a título de sugestão, lembrando o caso de Cirilo por mim citado, e acrescentando outro.

Encontrei um dia um garoto na rua da aldeia com dinheiro na mão. Indagado aonde ia, explicou-me que à casa de Maluire, para comprar farinha de mandioca. Acompanhei-o, e fiquei sabendo que Maluire costumava ter farinha e açúcar em casa, para vender a quem precisasse.

Que a solução não seja senão paliativa, não tenho a ingenuidade de esperar. Mas, diminuídos os pretextos para ida a São Félix, é possível que diminuam as ocasiões para acesso à bebida. Quando mais não seja, ficaria facilitada a vida das mulheres, que passariam a dispor mais perto daquilo que no momento só conseguem indo - ou mandando seus homens com dinheiro - a São Félix.

Nos dias que se seguiram à chegada de João da Artíndia, surgiu a expectativa de casos mais frequentes de embriaguês na aldeia. Tal, porém, não aconteceu. Apurei, então, que a maior parte do dinheiro do artesanato tinha ido parar nas mãos das mulheres, as maiores responsáveis pela confecção dos objetos, e elas o seguraram, usando-o para as compras. Fiquei sabendo que quando os maridos pedem dinheiro para cachaça e elas negam, a solução achada pelos homens ofendidos é pescar e ir vender o peixe, comprando então a pinga e pirraçando, bêbados, as mulheres. A situação foi outra nos dias seguintes ao pagamento dos salários, quando foram os homens a receber. Os únicos, então, que apenas pagaram contas ou fizeram compras sem beber, foram os "capitães" Maloaré e Arutana, que aliás, nunca bebem. Os demais...

Um dos casos mais melancólicos de embriaguês contumaz e conseqüente perda de prestígio moral e social, é o do velho "capitão" Uataú. Na minha chegada, encontrei-o macambúzio e jururú alojado no Hospital, junto com sua mulher mais velha que lá estava internada. Fôra escorraçado de casa por embriaguês pela mulher mais nova. Quando a mais velha teve alta, reabriu a casa, uma das três de alvenaria por mim citadas nos início dêste relatório, a mais distante do rio.

Desde então, raro foi o dia em que não o vi bêbado. Quando sóbrio, pelas manhãs, encontrav^o a tirar água de um poço que fica a meio caminho entre as três casas e o rio, mais ou menos na frente da casa de alvenaria de Arutana. Humilhado e furioso (afinal, carregar água entre os karajá, e na maior parte das sociedades tribais brasileiras, dentro da divisão do trabalho entre os sexos, é um serviço da mulher) era de se cuvir as d^atribes que lançava contra aqueles que tinham construído as casas e deixado o serviço incompleto, ou seja, sem água encanada.

E suas queixas procediam. Ainda que exista o poço, a distância que vai da sua casa a êle é maior do que a que vai das casas alinhadas ao longo do rio e êste. É sabido pela bibliografia, que antes da interferência do "branco" o padrão de construção das aldeias karajá era sempre o de uma linha de casas ao longo das margens do Araguaia. Uma das vantagens evidentes dêste padrão, é que todas as casas ficavam à mesma distância do rio, simultâneamente porto das canoas, lugar onde as mulheres lavam as coisas e apanham água, e todos se banham. Com a construção das três casas fora da linha da aldeia e formando 90° com o rio, fugiu-se a tal padrão, com resultados dúbios. Ficaram longe da água - daí a "bronca" do Uataú - e fora do espaço social comunitário. É de se notar que nos dias da Festa da Casa Grande, Arutana, o "chefe ritual", mudou-se para sua velha casa da aldeia, normalmente abandonada. Lá foi paramentado, de lá saia ritualmente carregado aos ombros do genro para a Praça dos Homens, lá acumulou comida e orientou os trabalhos.

Ao que parece, quem planejou as três casas onde elas estão, o fez sem o devido conhecimento da vida tribal karajá. Quaisquer que sejam as razões para que elas estejam onde estão, entretanto, e acredito que as intenções dos construtores tenham sido as melhores, parecem confirmar o ditado de que o inferno está entupido até às bordas de boas intenções.

Relacionado ainda em parte ao velho Uataú, está o assunto da autoridade tribal e da crise por que passa a aldeia no aspecto da sua política interna.

Conforme a bibliografia, os karajá tem uma chefia hereditária e patrilinear, ainda que o assunto não pareça ser muito rígido.

O último chefe, na verdadeira acepção do termo, foi o falecido Maloá, pai do "capitão" Maloaré. Ocorreu que quando o então presidente Getúlio Vargas esteve na área, creio que por volta de 1945, era um período de seca, e Maloá com vários outros estava para o lado do rio das Mortes, em expedição de pesca e coleta. Na falta de Maloá, acharam os encarregados do posto que alguém deveria ser apresentado ao presidente como chefe, e a escolha recaiu em Uataú, então cheio de prestígio por se "idéssu-dú", campeão de lutas. Após a volta de Maloá, Uataú continuou sendo badalado, e a aldeia ganhou seu segundo "capitão", por ingerência externa.

Ao tempo de Willy Aureli e sua Bandeira Piratininga, aparece no cenário político karajá o terceiro "capitão", Arutana, que acompanhara Aureli. Este o levou a Brasília, e o apresentou ao presidente Juscelino K. de Oliveira como sendo um "chefe" karajá.

Antes da morte de Maloá, seu filho e herdeiro real da chefia Maloaré, precisou ser afastado de Santa Isabel para o Xingú pelo extinto SPI por razões que não vem aqui ao caso. Quando Maloá morreu, Maloaré estava assim ausente, até ser trazido de volta à aldeia, na função de "capitão".

Este foi o quadro que encontrei em 1973. Maloaré morando fora da aldeia, e encontrando restrições por parte de algumas famílias à sua autoridade devido ao motivo que obrigara no seu afastamento para o Xingú. Arutana escorando a sua "capitania" no fato de ter passado a "encarregado dos rituais", após a morte do velho cego Kuriala. E Uataú, já em decadência, apoiando-se no filho Kudjoeni, então comandante do destacamento local da GRIN, o que inegavelmente lhe dava poder.

Em 1978 a situação evoluiu e se agravou, pelo que pude observar. Arutana continua firme, ainda cuidando dos rituais e se mantendo à parte do resto; é ouvido e prestigiado, mas só nos assuntos de "tradição", internos à aldeia. Maloaré mudou, como mudou também a maneira como é encarado pelos demais. Se cabe a expressão, vestiu finalmente a "roupa" do pai; é o "capitão". Uataú, acabou-se.

Neste contexto, situam-se o comportamento e as ações de seu filho Kudjoeni. Na chegada, soube que fôra expulso da GRIN por "abuso de autoridade" (sintomático, a meu ver), e que estava criando problemas, seguido por um bando de jovens "ueriribó", os mesmos que me auxiliaram na distribuição das fotos no início, e de quem se arvorara em líder. Aos poucos a situação foi se precisando, a partir de confidências do próprio Kudjoeni, e do que fui ouvindo e observando. Parece que devido ao álcool, foi sucessivamente abandonado por duas mulheres: a primeira, uma javaé, que conheci em 1973; a segunda, uma "branca", que não cheguei a conhecer. Encontrei-o "solteiro" e visivelmente en-

vergonhado pelos dois abandonos. Suas justificativas para o acontecido, quando embriagado, além de constrangedoras, eram reveladoras dos problemas psicológicos e sociais por que estava passando. Por outro lado, chegava quase à megalomania quando bêbado; ouvi-o mais de uma vez afirmar que pretende formar uma nova aldeia, no mato, com a "rapaziada" que anda insatisfeita com a atuação dos "capitães", da Funai e das coisas em geral como estão. Naturalmente, seria êle o chefe.

Porque êle se considera um "chefe". Como evidência disto, mostrou-me na casa de seu pai um velho cartão postal emoldurado e pendurado na parede, do tempo em que era mais jovem. O postal mostra-o caracterizado de "ueriribó", com os enfeites de plumária e demais adereços, e a legenda do verso explicando ser êle "um jovem chefe karajá da Ilha do Bananal, em roupagem de festa". Alega ainda que, estando seu pai já bem velho, e em vias de se "aposentar", ser natural que passe êle a ser "capitão" em seu lugar.

Por várias vezes, procurou agir e dar ordens aos demais como chefe, provocando ressentimentos. Pouco antes da Festa da Casa Grande, mandou uma tarde que se desse início à construção da dita Casa Grande, e seus apaniguados a começaram. Quando Maloaré e Arutana souberam do fato, ordenaram que se desmanchasse o que fôra feito, sendo obedecidos. Dois dias depois, Arutana finalmente deu a ordem formal.

Não sendo burro, procura explorar a insatisfação existente principalmente entre os mais jovens em benefício do próprio prestígio, com declarações demagógicas do tipo que, sendo êle o "capitão", as coisas mudariam e a Funai iria ver quem é que manda.

A insatisfação é concreta, e não apenas dos jovens. Maloaré a sente e a expressa, só que de maneira mais ponderada e realista. Em Kudjoeni e em seus "delírios de grandeza" (porque às vezes chega a isto), ela me pareceu tomar um viés perigoso e improdutivo. Penso que a maior parte dos karajá sente da mesma maneira, pois que poucos o apoiam.

A crise de autoridade, que não é nova, e que na fase atual tem em Kudjoeni um dos seus protagonistas, só pode ser compreendida tendo-se em mente as sucessivas interferências que sofreram os karajá por parte dos órgãos oficiais, entre os quais o SPI e a própria Funai.

O relatório se alonga, e cumpre encerrá-lo. As observações nele expressas não pretendem ser críticas a quem quer que seja, nem implicam na emissão de juízos de valor. A situação atual karajá é sabidamente complexa, e seria empáfia da minha parte pretender elucidá

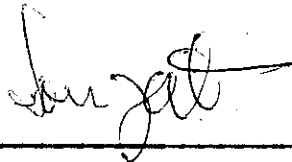
la após uma permanência de apenas um mês.

No dia primeiro de abril, um sábado, deixei a área, retornando a São Paulo.

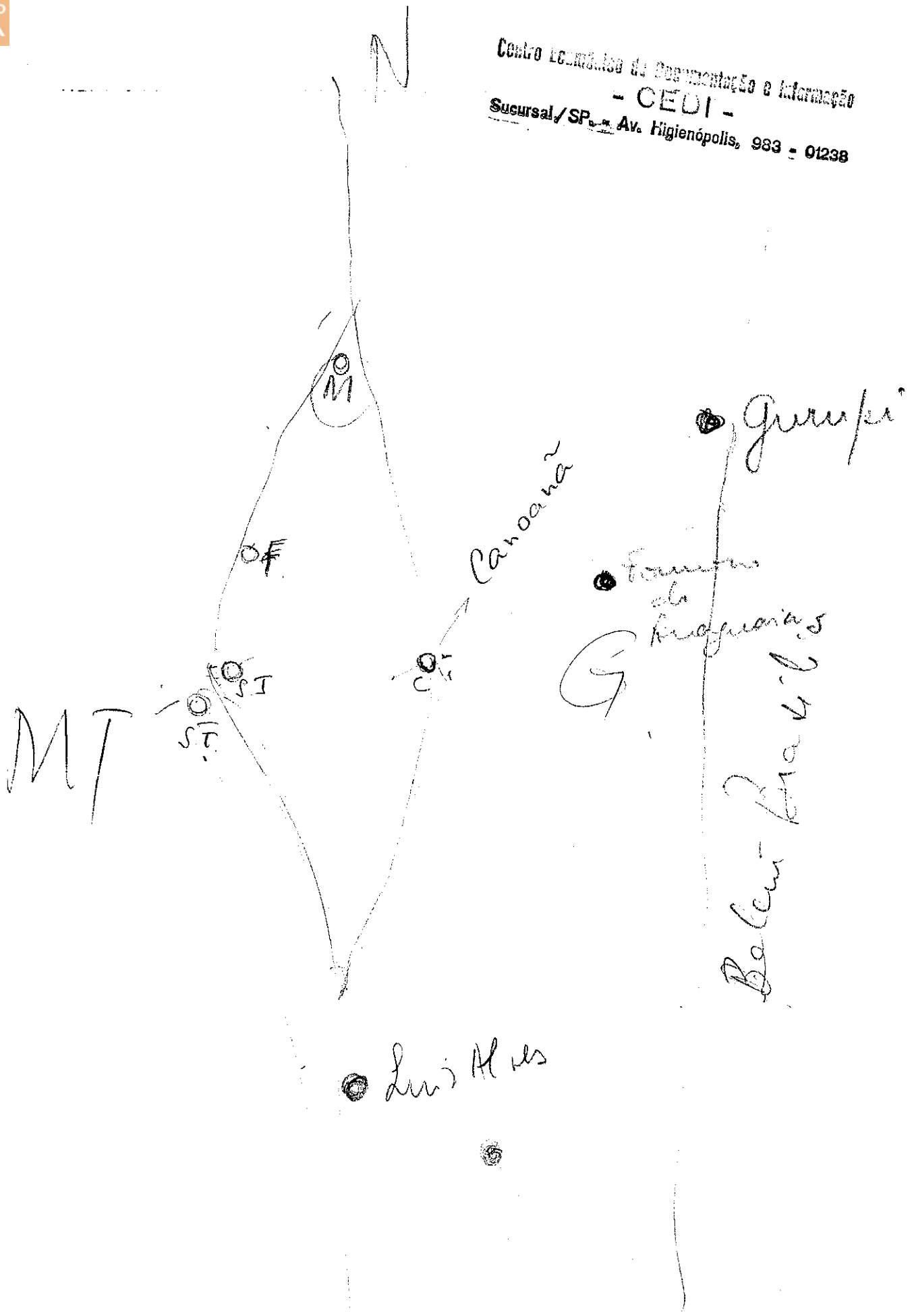
Aproveito a oportunidade para agradecer por meio d'êste aos funcionários da Funai na Ilha do Bananal, sem cuja cooperação e boa vontade meu trabalho teria sido impossível. Aos srs. Francisco de Assis da Silva, Francisco Araújo Magalhães, Georgino Martins Fagundes, Ubirajara Oliveira Condeixa, Leônidas Pereira do Vale, José Renato Padilha e Salim Costa Oliveira, os meus sinceros reconhecimentos. Espero voltar a vê-los.

Espero também rever em breve aos meus amigos karajá, pois foram êles que motivaram a viagem que levou a êste relatório.

São Paulo, 1978.



Odilon João de Souza Filho



André Amaval de Toral.

Odilon José de Souza Filho.

5 Março - 5 Abril

Alameda France 555 ap. 41.
Pisot founde
Lopenda.

IRgapium -